

O PROGRAMA DE CAPACITAÇÃO EM ARQUITETURA PAISAGÍSTICA

Paulo Renato Pellegrino

SEUS ANTECEDENTES

Dado a inexistência no Brasil de programas específicos de formação em arquitetura paisagística, tradicionalmente o principal caminho para entrar na área tem sido por meio das escolas de arquitetura. Afortunadamente na FAUUSP, disciplinas de arquitetura paisagística têm sido parte de seu programa. Seu primeiro diretor, professor Anhaia Mello, um dos pioneiros no planejamento urbano no Brasil, vislumbrou, desde seu início nos anos 50, a necessidade de aulas sobre o planejamento e projeto da paisagem como forma de fornecer uma formação profissional mais completa aos arquitetos e urbanistas.

Esse trabalho teve continuidade com a professora Miranda Martinelli Magnoli que, gradualmente, formou uma equipe de professores com o objetivo de desenvolver o ensino e a pesquisa em arquitetura paisagística, na graduação e na pós-graduação.

Em 1993 foi realizada a primeira conferência sobre o ensino de arquitetura paisagística nas escolas brasileiras de arquitetura, a qual ocorreu na FAUUSP. Mais de 30 professores de 18 instituições de todo o país tiveram a oportunidade de encontrar-se e declarar a necessidade da criação de um fórum nacional de professores e pesquisadores em arquitetura paisagística. Esse foi o lançamento do Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura – Enepea.

Essa iniciativa contribuiu para que se tornasse obrigatória a disciplina de Paisagismo no currículo de graduação das escolas de arquitetura do país. No entanto, essa obrigatoriedade criou uma demanda, difícil de ser atendida a contento, de professores para as então quase 100 escolas existentes no país.

Para auxiliar o atendimento dessa crescente demanda para a expansão dessa importante habilitação profissional, com potencial de oferecer uma contribuição única ao enfrentamento das necessidades ambientais e sociais brasileiras, esse programa de capacitação foi concebido em 2002. Os professores da área de concentração Paisagem e Ambiente da FAUUSP, Paulo Pellegrino e Vladimir Bartalini, em conjunto com a arquiteta paisagista Rosa Kliass, então vice-presidente da International Federation of Landscape Architects – IFLA, delinearam o conceito do programa. Foi obtido o apoio do Comitê Executivo da IFLA e encaminhado à Unesco como um projeto especial visando a auxílio financeiro. Com a aprovação da Unesco em 2003, esse se tornou o principal programa educacional da IFLA, o qual tem como uma das principais iniciativas de seu plano estratégico o apoio à educação.

A coordenação do oferecimento desse programa foi assumida por mim com o auxílio dos colegas Vladimir Bartalini e Catharina Lima. O professor da Universidade de Guelph, no Canadá, James Taylor, presidente do Comitê de Educação da IFLA, realizou a coordenação com a IFLA/Unesco, realizando a divulgação entre os professores norte-americanos interessados em participar do programa, por intermédio do Council of Educators in Landscape Architecture – CELA, que congrega todos os professores da área nos Estados Unidos e Canadá. Um professor norte-americano e um professor brasileiro deveriam ser identificados para atuarem, conjuntamente, no desenvolvimento de cada uma das três disciplinas de cada um dos quatro módulos. O programa final foi apresentado em um evento ABAP/ FUPAM em São Paulo.

O processo então se desenrolou com os contatos entre os professores estrangeiros e os brasileiros convidados para desenvolverem os cursos, montagem do material para divulgação de cada módulo junto dos professores, estudantes de pós-graduação e profissionais pelo país. Dos formulários de inscrição recebidos, inclusos currículo e carta de interesse dos candidatos, foram selecionados 75 alunos que atenderam total ou parcialmente aos quatro módulos do programa. Entre esses se incluíam professores, estudantes e profissionais de 12 estados e 22 cidades do país, representando 18 instituições de ensino superior. Doze destacados professores em arquitetura paisagística da América do Norte juntaram-se a oito de seus colegas brasileiros, seis desses professores doutores e dois titulares, além de inúmeros convidados que contribuíram para que todos os conteúdos previstos fossem ministrados.

SEU DESENVOLVIMENTO

O programa foi estruturado em quatro módulos, cada um com três disciplinas de 30 horas. Dois módulos eram oferecidos por ano, completando-se, no final de dois anos, 360 horas.

Os meios de ensino incluíram aulas teóricas, atividades de ateliê, visitas de campo, apresentações e seminários. Essas atividades foram desenvolvidas, principalmente, no edifício do Programa de Pós-Graduação da FAUUSP, Vila Penteados. A arquiteta e mestrande da FAUUSP Thea Standerski fez as traduções e versões entre as línguas adotadas, o inglês e o português, em todas as atividades.

Módulo 1 – O Projeto da Paisagem

Janeiro/ Fevereiro, 2004

Disciplina 1

Teoria e História da Arquitetura Paisagística

Vladimir Bartalini e Patrick Miller (Virginia Polytechnic Institute and State University; EUA e Presidente da American Society of Landscape Architects em 2005).

A opção de iniciar o programa de capacitação pela disciplina de Teoria e História deveu-se ao entendimento que, para o ensino de arquitetura

paisagística, seria fundamental que os professores dispusessem de uma base conceitual e histórica adequada, que orientasse a prática do projeto. Desse modo foram desenvolvidos temas caracteristicamente teóricos, ainda temas os quais, embora mais voltados ao fazer profissional, como “Práticas Emergentes em Arquitetura Paisagística”, convidavam à reflexão.

Aspectos historiográficos foram também abordados em aulas ministradas por professores brasileiros, seja em uma perspectiva panorâmica internacional, seja em uma visão mais centrada na realidade brasileira.

Disciplina 2

Processo de Projeto e Representação Gráfica

Silvio S. Macedo e German Cruz (Ball State University, EUA), com a participação de Jonathas Magalhães Pereira da Silva (Universidade Anhembi/Morumbi).

A disciplina introduziu questões metodológicas de ensino de projeto paisagístico, especialmente no tocante à escala, dimensão, programa, repertório e, em especial, ao cotidiano de atividades junto do corpo discente.

A ênfase central foi dedicada ao desenho como instrumento de entendimento do espaço e de suas diferentes escalas técnicas, sempre associadas ao uso de modelos rudimentares – maquetes feitas com isopor, esponja de aço e papel colorido – ferramentas que permitem aos alunos uma rápida compreensão dos projetos em desenvolvimento e sua relação com a realidade.

Disciplina 3

Métodos de Projeto

Catharina Lima e Robin Moore (North Carolina State University, EUA).

O curso teve como objetivo apresentar, discutir e também testar métodos e técnicas no âmbito da arquitetura paisagística, analisando as várias dimensões que permeiam o projeto e instigando os participantes a não apenas buscar seus próprios caminhos, mas, uma vez professores, cultivarem essa postura perante seus alunos.

Desde a aula inaugural, foi apresentada, por meio de vários exemplos, a aplicação de métodos de projeto de vários arquitetos paisagistas. Apresentando, discutindo e testando os vários aspectos incluídos nas dimensões ecológica, sociocultural e artística, caminhou-se, no curso, no sentido de uma síntese capaz de aproximar-se do enfrentamento metodológico da complexidade projetual do campo do paisagismo.

Módulo 2 – A Base Viva da Paisagem

Julho, 2004

Disciplina 1

Caracterização Paisagístico-Ambiental do Sítio

Vladimir Bartalini e Robert D. Brown (University of Guelph, Canadá).

O objetivo desse curso foi o de fornecer uma introdução ao processo de conduzir-se um inventário e análise de uma paisagem, bem como o delineamento de técnicas e enfoques de ensino. O processo introduzido no

curso forneceu a base para a tomada de decisões que sejam as apropriadas em termos de estrutura, função e mudanças em uma dada paisagem. O método de apresentação do curso foi pelo enfoque *problem-based learning* (PBL). Inicialmente, conceitos sobre os componentes da paisagem, baseados principalmente na geomorfologia, foram apresentados e discutidos.

Disciplina 2

A Vegetação e seus Aspectos Ecológicos

Maria Assunção R. Franco, Paulo Pellegrino e Kim Sorvig (University of New México, EUA).

Nessa disciplina foram analisados os vários materiais e técnicas disponíveis para o projeto de paisagens ecologicamente sustentáveis. Foi dada especial atenção às condições exigidas pelos elementos vegetais como seres vivos, de modo a orientar procedimentos de projeto mais condizentes com as características naturais do sítio e com menores custos de manutenção.

Os principais conceitos trabalhados nessa disciplina foram reforçados em visitas de campo e em exercícios práticos que procuraram explorar as preconcepções dos alunos sobre o uso da vegetação e suas reais necessidades para obtenção de projetos mais sustentáveis e significativos.

Disciplina 3

Projeto de Plantio

Catharina Lima e Darrel Morison (University of Georgia, EUA).

Foi apresentado um panorama das possibilidades de entrelaçamento de parâmetros ecológicos com o desenho criativo, enfatizando o projeto de plantio. Nesse sentido foram apresentados métodos para organização do espaço com o uso da vegetação, em especial atenção para técnicas que exploraram aspectos criativos do projeto, recorrendo à música, aos princípios compositivos e à poesia.

Foi igualmente gratificante perceber, recentemente, que vários deles têm aplicado o método do professor Morrison em suas atividades didáticas, em várias escolas brasileiras e com, segundo reportam, excelentes resultados.

Módulo 3 – A Base Construída da Paisagem

Janeiro, 2005

Disciplina 1

Elementos Construídos

Luiz Vieira (UFPE) e Thomas Nieman (University of Kentucky, EUA).

Essa disciplina incluiu instruções básicas sobre terraplenagem e drenagem, com técnicas construtivas e materiais comumente usados no espaço aberto. Foram apresentados tópicos como “Nivelamento e Drenagem” e “Layout e Dimensionamento” por meio de imagens de trabalhos e técnicas de arquitetura paisagística. Concomitantemente foram debatidos métodos sobre construção de muros de arrimo, construção em madeira, iluminação, bancos e outros materiais de uso externo. Isso foi feito no contexto de como as várias técnicas construtivas e materiais se adaptam à paisagem construída e qual impacto esses aspectos podem causar nos usuários dos espaços criados.

Atividade de *charrete* na disciplina Tecnologia da Paisagem
Crédito: Paulo R. Pellegrino



Disciplina 2

Tecnologia da Paisagem

Paulo Pellegrino e Nate Cormier (Jones & Jones, EUA).

Tendo como tema o desenvolvimento de uma infra-estrutura verde integrada para o rio Tietê e suas margens, esse curso teve como objetivo oferecer informações e inspiração aos projetistas sobre a crescente tendência de integração e sustentabilidade na arquitetura paisagística contemporânea. Tendo sido discutidos tecnologias e enfoques específicos, com a apresentação de estudos de caso, os quais ilustram, na prática, o conceito de infra-estrutura verde – e oficinas – nas quais aos alunos foi ensinado como aplicar estes conceitos às paisagens de São Paulo. Especificamente, ao focarem seus esforços ao longo do rio Tietê, o trabalho dos alunos, na forma de *charrette* de projeto, foi submetido a um júri local, o que possibilitou aos alunos um contato com temas complexos e interdisciplinares, e trouxe maior atenção à oportunidade desse tipo de procedimento em atividades didáticas.

Disciplina 3

Arquitetura e Arquitetura Paisagística

Francisco Segnini e Rosa Kliass

O curso tratou do estudo da formação e do desenvolvimento da infra-estrutura urbana de uma cidade e, em uma escala local, em um segundo momento, o curso explorou a implantação da arquitetura na paisagem. Para tanto, enfocou casos existentes em que a implantação da edificação está estreitamente ligada às condições da paisagem urbana.

Os conteúdos abordados no curso incluíram infra-estrutura urbana e paisagem, implantação da edificação e a paisagem natural e a integração da edificação no meio ambiente.

Módulo 4 –O Planejamento da Paisagem Julho, 2005

Disciplina Especial

Leitura da Paisagem

Ken McCown (Califórnia State Polytechnic University, Pomona, EUA).

Esse curso discutiu que o fator que diferencia um arquiteto paisagista de um arquiteto ou planejador urbano é sua capacidade de ler a paisagem, argumentando que a capacidade de envolver-se e de entender a confluência dos fatores, incluídos os processos naturais e padrões culturais que dão à paisagem sua identidade, permanece como a única e talvez a mais importante atividade do arquiteto paisagista. O ato de ler a paisagem é entender seus processos naturais e padrões culturais. Isso avança além da análise paisagística positivista de matrizes e cruzamentos, na procura do que faz uma paisagem ser culturalmente distinta para nós.

Disciplina 1

Análise Paisagística

Paulo Pellegrino e Jack Ahern (University of Massachusetts, Amherst, EUA).

Essa disciplina abordou o momento crucial de avaliação das paisagens e de definição dos usos mais adequados que estas podem acomodar. O correto desenvolvimento dessa etapa é que vai definir se os usos previstos e as soluções projetuais adotadas serão as que melhor atenderão aos condicionantes do lugar e às melhores alternativas de projeto. Foram apresentados métodos de determinação desses potenciais das paisagens como parte inicial de um processo de planejamento paisagístico, além de conceitos e princípios que podem ser eficazmente aplicados ao processo de avaliação das paisagens, garantindo o uso sustentável dos recursos, qualidade da imagem final das paisagens e sua integração com a cidade e região.

Atendimento de ateliê na disciplina Análise Paisagística
Crédito: Paulo R. Pellegrino



Disciplina 2

Espaços Abertos Urbanos

Catharina Lima e Cecelia Paine (University of Guelph, Canadá).

Essa disciplina enfocou a diversidade escalar e tipológica dos espaços livres públicos que participam da paisagem urbana, instrumentalizando os alunos para o desenvolvimento de uma perspectiva sistêmica no trato das temáticas abordadas.

Discutiram-se papéis e formas que assumem os espaços livres nas cidades, dentro do espectro da pós-modernidade e com ênfase nas relações atuais entre público e privado, buscando refletir criticamente a respeito das oportunidades e problemas decorrentes dessas novas relações e parcerias. Os assuntos desenvolvidos ao longo do curso procuraram contemplar a aplicação do processo de projeto paisagístico na conservação, no desenvolvimento e na recuperação dos espaços abertos nas cidades.

Disciplina 3

Planejamento Paisagístico

Vladimir Bartalini e James Taylor (University of Guelph, Canadá).

Essa disciplina, ao encerrar o quarto e último módulo do Programa de Capacitação, recapitulou inicialmente assuntos já abordados em outras disciplinas e, pelos estudos de casos, concedeu oportunidade para a aplicação do instrumental prático e teórico disponibilizado nos módulos anteriores. Uma extensa gama de assuntos e de técnicas pôde, então, ser trabalhada. Entre os temas, destacaram-se: estudos de impacto ambiental, paisagens culturais, recursos paisagísticos, corredores verdes, sistemas hídricos, ecoturismo. Foram apresentados modelos de avaliação e de tomada de decisão, exemplos de projetos como processo, bem como planos e projetos que utilizaram Sistemas de Informações Geográficas para sua formulação.

SUA AVALIAÇÃO

Esse programa representou para muitos de seus participantes uma oportunidade única para atualização de conteúdos e uma ampliação de qual seria o real escopo da arquitetura paisagística. A exposição que tiveram durante esse período, de todos esses aspectos dos processos naturais e sociais de que essa profissão trata, e de como ela pode ser ensinada como um conjunto de várias disciplinas específicas foi, sem dúvida, algo novo e desafiador.

A despeito da forma concentrada dos módulos e da falta de tempo para explorar em profundidade os conteúdos que foram apresentados, essa experiência, certamente, mudou, naqueles que dela participaram, seus conceitos anteriores sobre os propósitos dessa área do planejamento e do projeto e de como eles podem ser transmitidos. Materiais, procedimentos didáticos e conceitos discutidos nas aulas representaram um grande ganho, não só para os profissionais locais, mas também para os colegas norte-americanos envolvidos no programa.

No final, uma questão começou a ficar recorrente: é possível que todo esse extenso corpo de informações possa continuar a ser visto como parte de um único

programa de arquitetura e urbanismo? Ou devemos começar a considerar, como é o caso em grande parte do resto do mundo, que, no Brasil, a arquitetura paisagística constitua um programa separado da arquitetura e do planejamento urbano? Pois se tornou patente que a maioria dos conteúdos dessa habilitação profissional não conseguem ser ministrados de forma adequada e regular nos reduzidos cursos denominados de paisagismo, espremidos dentro das grades curriculares das escolas de arquitetura e urbanismo no país, quer seja na graduação, na pós-graduação acadêmica ou quer mesmo em especializações ou mestrados profissionalizantes.

Ficou evidente também que a educação e a formação do arquiteto paisagista, como um profissional específico na área de projeto e planejamento, é uma urgente e necessária contribuição para ajudar a transformar as cidades, o campo e as áreas naturais do Brasil em ambientes mais saudáveis, sustentáveis e prósperos para seu povo. Essa mudança de percepção e uma agenda futura em potencial para a educação estão, certamente, entre os maiores produtos desse programa.

Apoio para Realização do Programa

International Federation of Landscape Architects/Western Region – IFLA

www.iflaonline.org

Unesco

www.unesco.org

Fundação para a Pesquisa Ambiental – FUPAM

www.fupam.com.br

Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP

www.abap.org.br

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAUUSP da Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

www.fau.usp.br

Paulo Renato Pellegrino

Arquiteto e paisagista, mestre e doutor pela FAUUSP, professor de projeto e planejamento paisagísticos na graduação e pós-graduação da FAUUSP, primeiro coordenador da área de concentração Paisagem e Ambiente, coordenador do grupo de disciplinas Paisagem e Ambiente, pesquisador do NAP-PLAC e atual delegado brasileiro junto da IFLA.